

**Estrangeiros numa Ilha:**  
Comunidade Árabe Islâmica em Florianópolis (SC)(1991-2008)

Emerson César de Campos  
(UDESC – emecampus@yahoo.com.br)

**Resumo:**

Florianópolis (SC- Brasil) nas duas últimas décadas sofreu um incremento agudo de sua população, que chegou perto do dobro daquela de 1990. Neste crescimento houve também um expressivo aumento da população dita Estrangeira (documentada ou não). As populações estrangeiras, embora reconhecidas pelas ruas e no cotidiano da cidade, são pouco visibilizadas pela Historiografia. Essa Comunicação pretende identificar entre a população imigrante estrangeira, aquela composta por árabes. Busca fugir de interpretações que tendem a reduzir o imigrante aos estereótipos de suas origens étnicas, ou mesmo outras que privilegiam (e reduzem) os árabes aos seus fatores e contribuições econômicas e religiosas, quase que exclusivamente. Assim pretendemos realizar uma investigação cuidadosa sobre a constituição de territórios da Cultura árabe (palestinos, sírios, libaneses, jordanianos) na capital, e as redes nas quais as manifestações e expressões sócio-cultural daquela população se constroem. Procuo ainda nesta comunicação refletir sobre a constituição da Comunidade Árabe Islâmica e desta forma promover uma discussão sobre o movimento de populações e os fluxos migratórios no Tempo Presente. Por último, ao estudar a população árabe islâmica em Florianópolis, buscamos inseri-la nos debates sobre a relação Oriente-Occidente e nisto também o crescimento do Islamismo. Através da História Oral podemos conseguir e alcançar uma descrição mais elaborada sobre a realidade experimentada pela população árabe em Santa Catarina (BR).

**Palavras-Chave: Cotidiano – Imigração - Cidade**

**Abstract:**

Florianópolis (SC-Brazil) in the last two decades suffered a sharp increase of its population, who came close to double that of 1990. This growth was also a significant increase in the population dictates foreign (documented or not). Foreign populations, although recognized in the streets and in the life of the city, are poorly visualized Historiography. It aims to identify among the immigrant population is foreign, that consists of Arabs. Search away from interpretations that tend to reduce the immigrant stereotypes of their ethnic origins, or even other that privilege (and reduce) the Arabs to their factors and economic and religious contributions, almost exclusively. So we plan to conduct a thorough investigation on the establishment of territories of Arab Culture (Palestinians, Syrians, Lebanese, Jordanians) in the capital, and networks in which the manifestations of that population and socio-cultural expressions are constructed. Looking further in this paper reflect on the formation of the Arab Islamic Community and thus promote a discussion about the movement of populations and migration flows in the Present Tense. Finally, studying the Islamic Arab population in Florianopolis, we insert it in the debates on East-West relationship and it is also the growth of Islam. Through oral history can achieve and attain a more elaborate description of the reality experienced by the Arab population in Santa Catarina (BR).

**Keywords:**

Quotidian – Immigration - City

Florianópolis possui uma população aproximada de 420 mil habitantes (IBGE, 2009). Ao longo das últimas décadas foi estudada sob diferentes aspectos: nas formações culturais (FLORES, 1997); em suas construções identitárias e nas tensões presentes numa cidade até muito pouco tempo entendida e lida como tranqüila (FALCÃO, 2006 e 2007); em sua Cultura Política e especulação imobiliária (LOHN, 2006); e ainda em diversos outros estudos e/ou atribuições como Ilha da Magia e Capital com a melhor qualidade de vida do país (ligados quase sempre a projetos públicos, privados e com grandes agenciamentos publicitários). É visível na cidade o crescimento do número de carros que circulam, os congestionamentos, o aumento da violência e da segregação social (LOHN, 2006). Também é de conhecimento público o crescimento da população da cidade (mais de 90% na área urbana). Em 1990 a capital catarinense contava com aproximadamente 250 mil habitantes, e em 1980 com 188 mil. Desta forma, em simples confrontação de dados (IBGE, 2009), houve um aumento de quase 70% da população em uma única década. Esse incremento populacional é formado por migrações internas (do interior catarinense), de outros Estados da Federação e também, e parcela menor, mais de clara expressão, por uma população estrangeira, em sua maior parte constituída por sul americanos (argentinos, uruguaios, paraguaios, bolivianos, peruanos e chilenos), mas também de populações ditas menores como africanos: Angola, Guiné-Bissau e Moçambique (majoritariamente estudantes em convenio internacional, com alguns permanecendo na cidade e país em situação não documentada); e população de língua árabe: palestinos, sírios, libaneses, jordanianos.

A população de língua árabe se inicia de modo tímido ainda por volta da década de 1940 (conforme relatos obtidos), e vem se acentuando ao longo década de 1990, pelo que se pode inferir (visto que é um projeto) dado aos conflitos que se acentuam na Região do Oriente Próximo na década de 1990 (Guerra do Golfo em 1991), em seu marco inicial, e na última ocupação dos Estados Unidos no Iraque (a partir de 2003) e antes (2001) no Afeganistão, e mais ainda, a na tensão sobre o Estado Palestino (sua criação, legitimidade) e os embates com Israel e a própria Organização das Nações Unidas (ONU).

Conforme dito no início, o desdobramento e as observações sobre a cidade de Florianópolis, especialmente alcançadas na pesquisa em vias de conclusão, me permitiram observar práticas culturais e presenças de populações outras, pouco

estudadas ou visibilizadas pela historiografia catarinense e brasileira, como a árabe em questão, em que pese toda a sua importância contemporânea: a criação de um Estado Palestino, a Desterritorialização dessa população e, no limite, o crescimento do próprio Islã (religião da maioria absoluta da população a ser estudada), para ficar apenas nestes exemplos.

É possível apreender da observação prévia que a população de árabes são maioria dos ditos estrangeiros na Ilha, forma um grupo aparentemente unido e consistente e tentam, sob formas diferenciadas, constituir e solidificar aquilo que Benedict Anderson chama de “comunidade politicamente imaginada”(ANDERSON, 1989). Neste sentido, de modo prévio é possível perceber a constituição de territórios árabes nas lojas que se multiplicam pelo centro da cidade (Caçula Calçados, Casa Elias, Lojinhas do Mercado Público) onde se pode encontrar pessoas conversando em árabe, o culto ao Islã (hoje a maior religião monoteísta do mundo) e alguns bairros onde a presença árabe parece significativa de ser indicada: Coqueiros, Santa Mônica e Trindade, além, evidentemente, do Centro da cidade. Bairros estes considerados de Classe Média, em que pese a comunidade em questão, comercialmente, atuar entre os setores ditos populares.

Para além das observações colocadas é importante ressaltar como a estratégia de redes (ver entre outros ASSIS, 2004 e SIQUEIRA, 2006) se coloca na formação da comunidade árabe em Florianópolis. Em levantamentos e conversas prévias necessárias a este projeto, se pode indicar que uma vez estabelecido um certo número de pessoas (ainda indeterminado dado a incipiência da investigação), estas “chamam” outras em situação pouco favorável ou mesmo, em casos extremos, refugiadas, e assim se vai estabelecendo relações, constituindo territórios e práticas culturais comunitárias em Florianópolis. E lembrando Homi K. Bhabha, Território, “etmologicamente instável, deriva tanto de terra como de *terrere* (amedrontar), de onde *territorium*, “um lugar do qual as pessoas são expulsas pelo medo” (BHABHA, 1998: 147). Uma breve revisão sobre refugiados no Brasil indica que em 2002 havia 2.731 formalmente acolhidos pelo Estado Brasileiro com esta identificação formal, sem que destes, 80 % são africanos, e algo em torno de 11% asiáticos (majoritariamente do Oriente Próximo), conforme dados do Comitê Nacional para Refugiados (criado em 1997), o CONARE. Há pouquíssimos trabalhos sobre refugiados e a política brasileira

sobre o assunto, mesmo que tente se colocar como vanguarda, ainda está aquém do que se pode efetivamente esperar como ação concreta sobre o assunto, apenas aparentemente menor (para a discussão ver (MILESI, 2004)).

Por outro lado, a fragilidade do Estado Brasileiro em relação às políticas para imigrantes, parece permitir o fortalecimento das ações realizadas por instituições religiosas, o que é bastante evidente no caso dos imigrantes sul americanos a exemplo das ordens religiosas: Cáritas, Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios (CSEM), Conselhos de Justiça e Paz de Arquidioceses Brasileiras, e outras. Sobre o CSEM, tive a oportunidade de conhecer suas atividades através de contato com o Padre Ítalo-Brasileiro, João Corso que preside a entidade na Região Sul do Brasil, com sub-sede em Florianópolis. No caso da comunidade palestina o caso é ainda mais flagrante: a religião é mesmo, ao que se tem de indícios, um forte elemento de coesão e agrupamento da Comunidade. Em Florianópolis há um Centro de Estudos Islâmicos, sediado no centro da cidade, em edifício na Rua Felipe Schimidt, que funciona como Mesquita e é presidida atualmente (2009) pelo Sr. Ali Kassem. O Sheik Amim Al Karam também já foi presidente do citado Centro de Estudos, que foi criado ainda em 1991, portanto, há dezoito anos. Neste caso específico, para além dos diacríticos “clássicos” que (des)qualificam o mundo do Islã, fica patente e importância da religião na criação da “comunidade imaginada”. Em depoimento concedido ao autor em Florianópolis em março de 2009, o casal Rosimeri Freitas e Giuseppe Bezza (nomes fictícios conforme solicitação dos depoentes), ela brasileira, ele italiano, ambos convertidos ao Islã, dizem possuir “estreito contato com a comunidade árabe-palestina através do Islã (...) e que a partir da década de 1990 é visível a chegada consistente de grupos provenientes da região, especialmente jovens”. A idéia (e a imaginação) de pertencer à comunidade árabe, é portanto algo que ultrapassa a dimensão étnica (em hipótese a ser investigada). Esta é certamente uma temática a ser desenvolvida neste projeto.

Por último, nesta etapa de problematização, é necessário colocar que um dos novos problemas abertos às investigações sobre o contemporâneo diz respeito às demandas pela equalização de direitos universais em meio às afirmações das políticas de diferenças. As cidades contemporâneas se tornaram arenas de novas tensões e fronteiras sócio-culturais. Isso ocorreu ao mesmo tempo em que se frustraram as

expectativas de grande parte da população, em particular os segmentos que formam os chamados grupos urbanos (em nosso caso). O espaço das cidades significa cada vez mais dissenso, disputa e segregação. No Tempo Presente há sempre que se manter na mira as nuances que no Presente realizamos de tensões produzidas ao longo do Tempo, tais como, neste caso, a noção de pertencimento; as transformações do Estado Nação (vide relação Israel-Palestina) e a constituição de territórios para além dos limites geográficos. Assim, neste projeto há a pretensão de uma interpretação crítica, além de leituras “localistas”, que quase sempre reduzem os imigrantes à estereotipia de suas origens étnicas, ou que aponta meramente suas funções utilitaristas, no caso dos árabes, o fator econômico, o comércio ou ainda a religião. É necessário elucidar os variados percursos dos sujeitos e as inúmeras circunstâncias do movimento (o ir e vir) dos imigrantes, da população estrangeira em Florianópolis, pois isto colabora para um melhor entendimento das diferentes pressões sociais, econômicas e legais, assim como a importância das redes familiares e religiosas na negociação dos deslocamentos transnacionais. Para Abdelmalek Sayad discutindo os paradoxos da alteridade, é possível (e prudente) que desconfiemos de que o emigrante (que deixa seu país) de fato seja o mesmo imigrante que noutro país entra, ainda que se trate da mesma pessoa, muito se perde neste movimento (SAYAD, 1998). A diáspora (na expressão de (HALL, 2004) árabe é bem antiga como se sabe, sendo nova a idéia de discuti-la em sua territorialização na cidade de Florianópolis. Desta forma, seria possível em algum sentido, responder a questão colocada por um dos simpatizantes da Comunidade Islâmica em Florianópolis, e que me foi colocada: “O Brasil é para nós um lugar de passagem ou uma nova (e outra) Palestina?”

#### **Bibliografia:**

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

ASSIS, Glaucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo**: rearranjos familiares e de gênero na vivência dos novos migrantes brasileiros. 2004. 340p. : (Tese) doutorado – Unicamp, Instituto de filosofia e Ciências Humanas.

CAMPOS, Emerson César de. **Flujos contemporáneos:** territorios y traducción cultural entre emigrantes brasilenos no documentados en la región fronteiriza México-Estados Unidos (1995-2007). In: Nuevos Retos del Transnacionalismo en el estudio de las migraciones, 2008, Barcelona. Anais do Simposio Internacional Nuevos Retos del Transnacionalismo en el estudio de las Migraciones. Barcelona : Universidade Autonoma de Barcelona, 2008.

CLEMESHA, A. E. . **Brazil:** the Palestine solidarity movement and BDS. Al-Majdal, v. 38, p. 40-43, 2008.

FALCÃO, Luiz Felipe. Cidade perdida, cidades achadas (memórias e registros das transformações de Florianópolis: 1970 a 1990). Florianópolis, 2006. Projeto de Pesquisa (em andamento) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **A Farra do boi:** palavras, sentidos e ficções. Florianópolis: UFSC, 1997.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Segregação urbana e espaço público: relações entre modernização e cultura política em florianópolis (1960-2005).** Florianópolis, 2006.

SIQUEIRA, Sueli. **Migrantes e Empreendedorismo na Microrregião de Governador Valadares – Sonhos e Frustrações.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. (Tese de Doutorado – Sociologia).

THOMPSON, Paul Richard. **A voz do passado:** história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1998.